

## ARTE NA SALA DE AULA: A EXPERIÊNCIA DE ELABORAR UM PLANO

Alessandra Silva Cardoso<sup>1</sup>

Alcilene Almeida Lima<sup>2</sup>

Ana Caroline Santos Santana<sup>3</sup>

Humberto Rocha de Souza<sup>4</sup>

### Resumo

Pretende-se abordar neste artigo a experiência vivenciada nas aulas ministradas no componente curricular Arte-educação no terceiro período do Curso de Pedagogia no Departamento de Educação DEDC X da Universidade do Estado da Bahia. Nesta experiência discutimos conceitos de arte e arte-educação à luz de: Coli, Fischer e Duarte Jr., também elaboramos e socializamos um plano de aula para o ensino de arte na escola, para uma turma do 5 ano, além das observações feitas em salas de aulas de escolas públicas de Teixeira de Freitas. O estudo foi ancorado nos autores acima mencionados. E teve como metodologia a pesquisa bibliográfica e a observação in loco. O resultado deste estudo considera que o ensino de arte na escola pode partir das experiências dos educandos e que a arte não se restringe aos objetos artísticos impostos pela classe dominante. E que o fazer artístico deve ser uma possibilidade de qualquer aluno.

**Palavras- chave:** Arte-educação; Conceitos de arte; Plano de aula.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do terceiro período do curso de pedagogia da Universidade do Estado da Bahia UNEB-DEDC-X

<sup>2</sup> Acadêmica do terceiro período do curso de pedagogia da Universidade do Estado da Bahia UNEB-DEDC-X

<sup>3</sup> Acadêmica do terceiro período do curso de pedagogia da Universidade do Estado da Bahia UNEB-DEDC-X

<sup>4</sup> Acadêmico do terceiro período do curso de pedagogia da Universidade do Estado da Bahia UNEB-DEDC-X

## **Introdução**

Compreende-se que, dizer o que seja arte é tarefa difícil, dada a complexidade e ao grau de abstração em que se encerra a temática, daí a razão de inúmeras e divergentes concepções para definir o conceito da mesma. No entanto, Jorge Coli, salienta que “mesmo sem possuímos uma definição clara e lógica do conceito, somos capazes de identificar algumas produções de cultura em que vivemos como sendo arte”, ou seja, não é porque não temos uma definição única determinada, para o conceito de arte que temos capacidade para percebê-la. Além disso, Jorge Coli afirma que (2002)

É possível dizer, então que artes são certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo, isto é: nossa cultura possui uma noção que denomina solidamente algumas de suas atividades e as privilegia. (p. 8)

### **1.Ancora teórica**

Tal conceito, sistematizado por Jorge Coli expressa não somente um conceito europeu de arte bem como uma gama ideológica de que arte são certas manifestações da atividade humana privilegiada e crivada pelos que detém o conhecimento artístico. Segundo o autor ainda, “para decidir o que é arte ou não arte, nossa cultura possui instrumentos específicos.”<sup>3</sup> Podemos considera o devido conceito como excludente, posto que retira a manifestação artística bem como o objeto artístico do alcance de todos e as transfere para uns poucos que são considerados artistas pela sociedade burguesa.

Conscientes da necessidade da arte é possível dizer que, de fato, a arte em si contém os elementos primordiais que nos garantem a lógica dos sentidos da existência, que nos completa e nos preenche. Assim Ernest Fischer salienta :

O homem quer ser mais do que ele mesmo. Quer ser um homem total. Não lhe basta ser um individuo separado; uma plenitude que sente e tenta alcançar, uma plenitude de vida que lhe é fraudada pela individualidade e todas as suas limitações; uma plenitude na direção da qual se orienta quando busca um

mundo mais compreensível e mais justo, um mundo que tenha significado. (p. 12)

Dessa forma podemos compreender a arte como um fenômeno que nos preenche, que agrega não somente os valores estéticos que compõem o objeto artístico, mas também os conceitos que deriva da própria arte e seu ofício.

Tais características presentes em ambos os conceitos nos propõe uma reflexão de suma importância para compreender a manifestação artística dentro do ambiente escolar, a esta manifestação recorremos a outro autor que se propôs a analisar a arte-educação. Dessa forma poderemos perceber tais manifestações sob outra perspectiva a qual nos oferece um panorama artístico educacional a parti das ações desenvolvidas dos próprios educadores que se propuseram a ensinar o ofício da arte. As reflexões a seguir remete a pequenos traços de Duarte Junior que enfatiza evidentemente o que um professor não deve repassar aos seus alunos de forma alguma, ao mesmo tempo em que compartilha o que vem sendo feito do professor de arte em nossa sociedade desde muito tempo.(1953)

A arte continua a ser encarada, no interior da própria escola, como um mero lazer, uma distração entre as atividades “úteis” das demais disciplinas. O próprio “professor de arte é visto como ‘pau pra toda obra’, como um “quebra galhos”. Frequentemente ele é obrigado a ceder suas aulas para “aulas de reposição” de outras disciplinas, quando não lhe é delegada a incumbência de “decorar” a escola e os “carros alegóricos” para as festividades cívicas. (p.79)

Considerando o termo: “úteis” entre aspas colocadas pelo autor é condição sinequanon considera que o próprio ambiente escolar não considera a arte como uma atividade de suma importância para o desenvolvimento do educando, neste sentido a própria atividade artística elaborada hora é deixada em segundo plano hora é avaliada de forma a não atingir os reais objetivos que a arte se propõe. Além disso, situadamente não é esse o papel pretendido por um professor de artes, os que realmente querem atuar de forma responsável, e valorizavam sua prática, sentirão de forma constrangedora se são disponibilizados, ou disponibilizam suas

aulas, para algo que não lhes foi “regulamentado”. Tal comportamento não compreende arte, e tal valor também não deve ser compreendido por alunos vindouros.

Também não é arte, a reprodução de itens que só vislumbrem o consumismo e superficialidade do ato.(1953)

E ainda é comum encontrar-se, nas aulas de arte, a proposta de confecção de presentes para o “dia dos pais” “das mães”, “das crianças”, etc. Além de, em geral, serem “presentes” pré-fabricados, que o aluno deve recortar colar e colorir reforça-se a atitude consumista presente entre nós. Transmite-se, sem questionamentos, uma ideologia de consumo que instituiu semelhantes datas com fins estritamente lucrativos. ( p.81)

Que tipo de expressão artística, estaria se querendo criar? Que tipo de sentimento estaria envolvido nesse ato? A arte então seria apenas um veículo a um objetivo, quem sabe infundado, ou quem dirá ultrapassado e sem sentido? Porque não transmiti-lo de forma a reforçá-lo como sentido expressionista, involuntária, não sem nenhum sentido, mas sem um objetivo tão digamos “promíscuo” e frio, como é o capitalismo?

Trabalhar a arte, como algo já formado, com propósitos definidos, só estará construindo segundo o autor Duarte Junior indivíduos sem criatividade, autonomia, sem ideia formada a respeito de si mesmos, ou da sociedade em que vivem, indivíduos que só serviriam para mão - de -obra de grandes empresas.

Assim, embasados nas análises realizada, principalmente por considerar a arte como a manifestação que preenche o ser humano o qual “anseia por uma plenitude”, a partir deste pressuposto elaborou-se um plano de aula que valorizasse o real sentido da arte.

## **2.A experiência da feitura do plano**

A experiência de elaborar um plano de aula cujo tema é Arte na sala de aula, nasce da proposta de um professor do componente curricular arte e educação, no terceiro período do curso de pedagogia da Universidade Estadual da Bahia-UNEB/ Campus X.

Inicialmente o docente promoveu um momento em que os discentes em dupla discutiram os pré-conceitos que cada um fazia sobre o sentido de arte, cultura e leitura. Posteriormente solicitou o registro individual, que fora recolhido pelo mesmo.

Formou-se então um grupo de quatro componentes em que realizou-se o estudo da introdução do livro *O que é Arte*, de Jorge Coli. Num segundo momento a formação inicial foi desfeita e houve uma nova composição de grupo, desta vez com dez pessoas, para compartilhar a compreensão obtida no estudo inicial. Finalizando com uma dinâmica ao ar livre em que foi socializado o entendimento a cerca do sentido de arte para Coli.

Na mesma linha de raciocínio, expandiu-se a compreensão acerca do sentido de arte, ao ser trabalhado o texto de Duarte Junior intitulado – *A arte-educação entre nós*, através de leitura reflexiva, explanação e socialização do conteúdo pelo professor e com a participação dos alunos foi possível fixar a concepção de arte para Duarte Junior.

Além do mencionado, o sentido de arte eleito por Ernest Fischer, identificado em seu texto - *A função da arte*, também norteou o estudo que ancorou a elaboração do plano de aula, e para compreensão deste fora realizado leituras reflexivo em um grupo – por sua vez composto por seis membros que continuou até o final da feitura do plano.

### **3.O plano de aula**

Ancorados nas leituras dos textos descritos fora eleito como objeto de estudo do grupo – “Desenhando na sala de aula”. A partir deste elencamos os objetivos seguintes: provocar os alunos a refletirem sobre o sentido de arte em Jorge Coli, Duarte Junior e Ernest Fischer; Oportunizar aos educandos conhecerem diferentes expressões artísticas a partir de desenhos e por fim, objetivamos discutir com os alunos sobre o sentido de arte no intuito de saber qual a compreensão deles acerca desse campo do saber.

Como conteúdo a ser desenvolvido na elaboração- aplicação do plano de aula elegeu-se o sentido que os autores estudados atribuem à arte. Concernente a metodologia escolheu-se aulas dialogadas a partir da concepção, inicialmente, dos educandos e posteriormente aula expositivo-dialogada sobre o sentido atribuído a arte por Jorge Coli, Ernest Ficher e Duarte Júnior. Para verificar a eficiência do processo ensino-aprendizagem na aplicação do plano

elaborado, elegeu-se como critério de avaliação, avaliar o trabalho dos educandos a partir de suas produções escritas em sala de aula.

A socialização do plano de aula

Após elaboração do plano de aula de arte, o mesmo foi socializado na turma do terceiro período de pedagogia no decorrer das aulas de arte-educação, sendo este, fato marcante, em virtude da possibilidade dos colegas intervir de forma autônoma em relação a essa apresentação, além da fala do educador ao final de cada apresentação trazendo colocações de extrema relevância, por exemplo, na questão da avaliação, quando explica que a participação (falar ou apenas ouvir) não consiste em critério de avaliação no ensino da arte.

#### **4.Ouvindo vozes... Construindo imagens: conversas sobre o ensino de arte**

Com o sentido de arte em mente, obtido pelos estudos e análises reflexivas dos textos de Ernest Fischer, Duarte Junior e Jorge Coli, sob orientação do professor do componente curricular arte e educação, observações em diferentes séries de distintas escolas de Teixeira de Freitas e região foram feitas.

Ouvindo diferentes experiências, fruto de tais observações, questionamentos e reflexões inevitáveis se ascenderam no que diz respeito ao ensino de arte nesta cidade. As práticas relatadas evidenciam uma arte descaracterizada, simples pintura de desenhos prontos, reprodução de réplicas de obras conceituadas, uma atividade não dirigida, orientada, mas imposta.

Durante a conversa proposta para a troca de conhecimentos das práticas, experiências, em vários momentos retomavam as discussões teóricas se construía uma imagem da arte explicitada por Duarte Junior, “um mero lazer”.

Por outro lado, em algumas vozes e em alguns momentos, percebeu-se que por parte dos alunos a atividade desenvolvida resultava em algo não planejado pelos educadores.

Equivocadamente ou não, faz-se uma visão de um imenso despreparo e de uma grande lacuna de conhecimento teórico, que podem ser a resposta de tantas falhas no ensino. No entanto em muitos dos fatos descritos, criam-se cenas de uma falta de comprometimento com a prática pedagógica e acima de tudo com a educação.

## **BREVES CONSIDERAÇÕES**

Ancorados em estudos de textos de autoria de Jorge Coli, Ernest Fischer e Duarte Junior, proposto pelo componente curricular arte-educação afirma-se conscientemente que a visão que se tinha a despeito do sentido de arte fora substancialmente ampliada. Dada a oportunidade de conhecer diferentes e divergentes conceitos e concepções sobre a temática estudada.

É significativo salientar que os estudos a luz dos autores mencionados acima, possibilitou ao grupo perceber a alienação ainda vigente em que somos submetidos pelas engrenagens desse sistema capitalista de produção em que nem a arte escapa as suas convenções, assim continua sendo descaracterizada.

Considera-se válido ressaltar que este plano de aula elaborado em grupo de seis componentes se concretizou principalmente em virtude da orientação e mediação do docente que de fato oportunizou ao grupo vivenciar o processo de construção do mesmo.

## **Referências Bibliográficas**

COLI, Jorge. **O que é arte**. São Paulo: Brasiliense, 2002

JUNIOR, Duarte. **Por que arte-educação?** Campinas: Papirus, 1988

FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**